

Said Farhat, "e acha que o assunto continua sendo uma questão entre o senhor Brizola e as agências." É natural que o governo não queira polemizar em torno de um equívoco. Mas a verdade é que a leitura das cartas ensina que, se alguma questão existe agora, ela envolve apenas a UPI, a ANOP e o governo que nelas acreditou. Brizola, a esta altura, é a única pessoa que nada tem a ver com o equívoco. ●

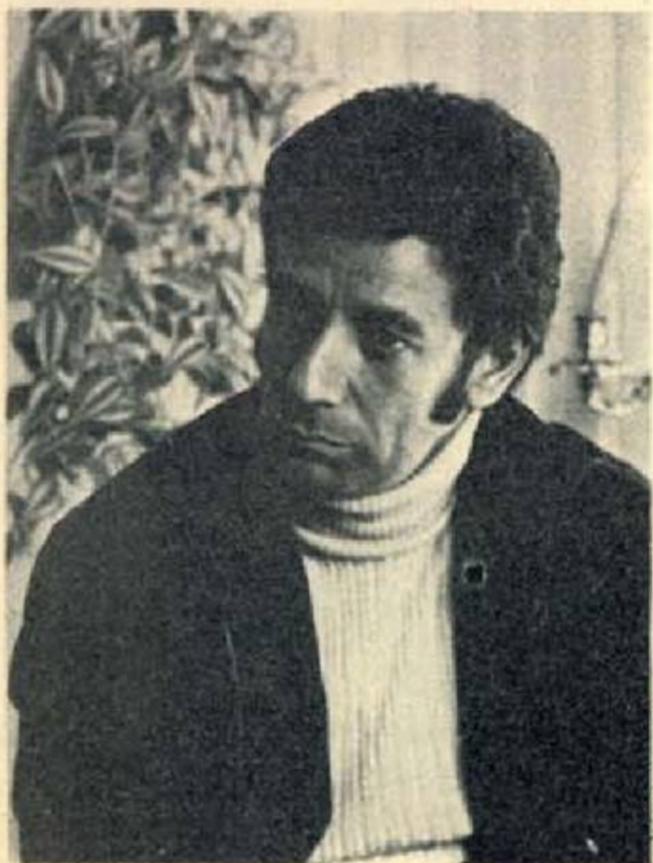
SEQUESTRO

Foro íntimo

A polícia ameaça a polícia que investiga a polícia

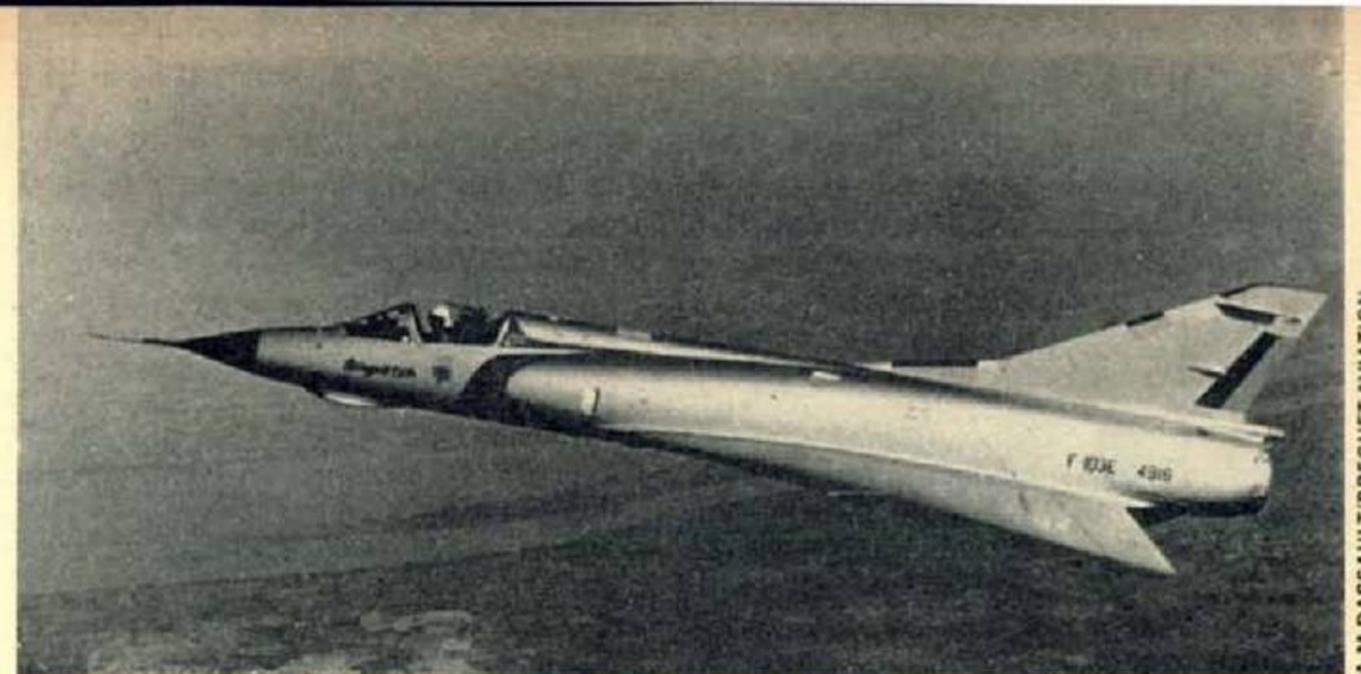
Decidido a limpar a polícia estadual, promovendo investigações e afastando funcionários suspeitos, o secretário da Segurança do Rio Grande do Sul, João Leivas Job, esbarrou na semana passada em inesperado e delicado obstáculo. Os policiais envolvidos em crimes como corrupção, roubo e estelionato começam a reivindicar para si a mesma proteção que até agora beneficia seus colegas que participaram, no dia 17 de novembro passado, em Porto Alegre, do seqüestro de quatro exilados uruguaios — Lilian Celiberti Rosas de Casariego, seus filhos Camilo e Francesca, e Universindo Rodríguez Díaz. Eles ameaçam contar o que sabem a respeito do seqüestro, se outras investigações sobre crimes comuns forem levadas adiante.

A ameaça de confronto surgiu concretamente na sindicância que apura a



OLÍVIO LAMAS

Janito Silva: sabe muito mais



A. M. DASSAULT/BREGUET AVIATION

O Mirage III: em sete anos de Brasil, três acidentes

participação de pelo menos quatro delegados de polícia e dezenas de investigadores gaúchos em uma grande operação que envolveu o roubo de 600 automóveis em Porto Alegre (VEJA n.º 563). "Muita água vai rolar por baixo da ponte; vou esperar um pouco e depois usarei as minhas armas", ameaça o delegado Janito Costa Silva, um dos acusados na sindicância, diante da demonstração de eficiência dos auxiliares do secretário Job na busca dos policiais implicados no desvio dos automóveis roubados — especialmente se comparada à morosidade e ao desinteresse que cerca a apuração do seqüestro dos uruguaios.

UM ACORDO — O farmacêutico Zanon Coelho, apontado como receptor da maioria dos veículos, foi mais incisivo, ao ser interrogado na semana passada. "O que o senhor sabe sobre isso tudo?", perguntou-lhe o delegado Nilton Müller. "Sobre isso, nada. Mas sobre o seqüestro eu sei muita coisa... ", respondeu o suspeito. Nada foi comunicado às autoridades que investigam o seqüestro e não houve, ainda, qualquer reação oficial às ameaças.

"Vai haver um impasse", garante um delegado gaúcho. "Está rompido um acordo feito com influentes membros da polícia." Esse acordo garantia ao secretário Job carta branca para sua ofensiva moralizadora, sob a condição de colocar uma pedra sobre o caso do seqüestro. Assim aconteceu. Na última quinzena de maio foi decretada a prisão preventiva de cinco policiais e pedida a de outros dez, todos envolvidos com quadrilhas de assaltantes e estelionatários. Parece, contudo, que a corporação não agüentou e está disposta a falar principalmente àqueles que nada têm a ver com o seqüestro dos uruguaios e não foram consultados sobre o acordo. ●

AERONÁUTICA

Frota reduzida

A FAB perde seu terceiro avião Mirage

Foi-se, na tarde de quinta-feira da semana passada, na zona rural de Planaltina, cidade satélite de Brasília, o terceiro dos 16 Mirage III comprados pelo Brasil à França, em 1972. O piloto, primeiro-tenente Zander Martins, treinava operações de combate quando, ao tentar subir após um mergulho, descobriu que a turbina do aparelho tinha problemas. Martins ainda teve tempo de acionar o ejetor de seu banco, pulou de pára-quedas e salvou-se. O Mirage III, avaliado em 2 milhões de dólares, espatifou-se contra o solo a 30 quilômetros da sede do polígono de tiros. A causa do acidente, turbina parada, foi a mesma da primeira queda de um avião desse tipo no Brasil, em 1974. Um outro Mirage caiu no ano seguinte por motivos ainda não esclarecidos. Nos três casos, os pilotos conseguiram se salvar.

Com essa perda, a já pequena frota de combate da Força Aérea Brasileira — 58 jatos modernos comprados no começo da década — fica ainda mais reduzida. Além dos Mirage, dois acidentes sucessivos, em maio e junho de 1975, eliminaram dois caças F-5-E de um lote de 42 comprados aos Estados Unidos. Tem-se como certo, de qualquer forma, que a FAB não pretende mais reequipar suas esquadrilhas com novas unidades estrangeiras. Pelo contrário, a complementação do sistema de defesa aérea será feita com aparelhos de fabricação nacional. Entre eles, o AX, um pequeno caça totalmente idealizado no Brasil, que será fabricado pela Embraer. ●